

NOTAS ACERCA DA REPRESENTAÇÃO DE GRACILIANO RAMOS E JORGE DE LIMA NO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO

NOTES ON THE REPRESENTATION OF GRACILIANO RAMOS AND JORGE DE LIMA IN THE BRAZILIAN LITERARY CANON

Luiz Felipe Verçosa da Silva¹

RESUMO

Refletir sobre as dimensões do sistema que compõe o que entendemos como cânone literário é uma tarefa complexa, que envolve questões históricas, estéticas e políticas. Ao direcionarmos nosso olhar para essas discussões, podemos identificar quais temas e estilos foram preservados e marginalizados ao longo do tempo, o que nos permite diagnosticar os padrões de valoração de diferentes períodos históricos. A partir desse ponto de partida, este trabalho tem como objetivo comentar as produções de Graciliano Ramos e Jorge de Lima, analisando a maneira como esses autores foram lidos e permanecem sendo representados nos mais diversos espectros da comunidade literária. Como base argumentativa, utilizaremos os postulados de Antoine Compagnon (2010), Harold Bloom (1995) e Cornejo Polar (2000), que serão fundamentais para problematizar questões voltadas à literatura e à tradição.

Palavras-chave: Literatura, Tradição, Graciliano Ramos, Jorge de Lima.

ABSTRACT

Reflecting on the dimensions of the system that makes up what we understand as the literary canon is a complex task, involving historical, aesthetic, and political issues. By directing our focus to these discussions, we can identify which themes and styles have been preserved and marginalized over time, allowing us to diagnose the patterns of valuation in different historical periods. From this starting point, this paper aims to comment on the works of Graciliano Ramos and Jorge de Lima, analyzing the way these authors have been read and continue to be represented across various spectra of the literary community. As an argumentative basis, we will use the postulates of Antoine Compagnon (2010), Harold Bloom (1995), and Cornejo Polar (2000), which will be crucial for problematizing issues related to literature and tradition.

Keywords: Literature, Tradition, Graciliano Ramos, Jorge de Lima.

Introdução

¹ Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8025549487779184>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7619-066X>. E-mail: felipevercosa@outlook.com.

Este estudo visa refletir sobre a formação do cânone literário brasileiro, com foco nas trajetórias dos escritores alagoanos Graciliano Ramos e Jorge de Lima. Com essa pesquisa, buscamos entender as dinâmicas de inclusão e exclusão no cânone literário, destacando como uma parcela da produção literária desses autores foi e permanece sendo negligenciada ao longo do tempo.

Nosso objetivo, portanto, é discutir o modo como o cânone literário se forma e se transforma, explorando tanto a sua universalidade quanto as influências estéticas e culturais que o moldam. Além disso, procura-se investigar como diferentes tradições literárias interagem com o cânone ocidental, possivelmente criando novos cânones.

Para embasar este artigo, utilizaremos as teorias de Antoine Compagnon (2010), Harold Bloom (1995) e Cornejo Polar (2000). Compagnon fornece uma visão crítica sobre a natureza ideológica da literatura e discute a dinâmica e contestação do valor literário; Bloom defende a excelência estética como critério de canonização e Polar aborda a formação de cânones literários nas sociedades latino-americanas sob a influência colonial.

A partir desses postulados teóricos, podemos traçar uma linha de argumentação que compreenda as tensões e negociações que atravessam a formação de um cânone literário. Logo, pretendemos, com este artigo, refletir sobre a transitoriedade e as mudanças que ocorrem ao longo do tempo, conforme novos valores e tradições culturais emergem dentro do cânone literário brasileiro.

Cânone e Tradição: uma visão geral

A partir das discussões estabelecidas na disciplina *Literatura e Tradição*, ofertada no PPGL/UFPE, pela Prof^a. Dr^a. Brenda Carlos de Andrade, no primeiro semestre de 2024, vimos que a formação do cânone literário é um processo dinâmico e multifacetado, influenciado diretamente por fatores estéticos, históricos, culturais e ideológicos. Desta forma, o cânone, enquanto sistema de representação de obras cujo valor foi atribuído ao longo do tempo, é, também, um reflexo das mudanças nas percepções culturais e nos valores sociais.

Para entendermos esse processo, podemos recorrer às ideias de Compagnon (2010). Em seu livro, *O Demônio da Teoria*, o autor discute a natureza elusiva do valor literário, argumentando que o que consideramos literatura é frequentemente

influenciado por contextos sócio-históricos e culturais. Segundo Compagnon (2010), o conceito de literatura é relativo a cada época e cultura. Por essa razão, há problemas crônicos nas definições que impedem os críticos de determinarem, de modo satisfatório, o que é ou não literário.

Compagnon (2010) ainda aponta que a definição moderna de literatura, nascida no século XIX, é relativamente nova. Anteriormente, esse conceito designava aquilo que era escrito ou surgido a partir do conhecimento, englobando todas as manifestações criadas e catalogadas pela humanidade, sejam escritas ou orais.

No contexto contemporâneo, Compagnon (2010) destaca que a literatura pode ser entendida de duas maneiras: no sentido amplo, que considera a literatura tudo aquilo que é impresso ou manuscrito, incluindo produções orais; e no sentido restrito, que considera a literatura a partir das concepções específicas de cada período ou cultura.

A partir dessas considerações, acreditamos que, atualmente, esse sentido restrito seja o tem definido as pautas sobre o que é ou não literário, pois obedece a uma certa tradição ocidental que está presente na formação dos cânones nacionais.

Por outro lado, é importante contrastar a visão de Compagnon (2000) com a de Bloom (1995) sobre aquilo que se constitui como cânone literário e o que pode ser configurado como algo valorativo. Isso nos permite reconhecer não apenas os aspectos ideológicos e sociais da literatura, mas também seu valor estético, possibilitando uma outra compreensão sobre aquilo que concebe e/ou vem a conceber uma obra literária como relevante.

Em *O Cânone Ocidental* (1995), Bloom oferece uma visão mais prescritiva do cânone literário, argumentando que o cânone é formado por obras que apresentam uma "força estética" específica. Bloom (1995) defende um cânone que privilegia a excelência estética, mas sua abordagem tem sido criticada por seu elitismo e exclusão de vozes subalternizadas. Apesar dessas críticas, a sua teoria pode ser utilizada para refletir sobre o valor estético das obras de Graciliano Ramos e Jorge de Lima e a forma como elas têm sido valorizadas e renegociadas ao longo do tempo.

Por fim, Cornejo Polar, em *O Condor Voa* (2000), embora não trabalhe diretamente com a literatura brasileira, oferece uma análise crítica da formação dos cânones literários nas sociedades latino-americanas. Polar (2000) aborda como os cânones literários são moldados por imposições coloniais, marginalizando formas de

expressão que não se encaixam nos padrões eurocêntricos, como, por exemplo, produções literárias que pertencem à tradição oral.

Nesse sentido, o estudo de Polar (2000) pode ser útil para entender o apagamento de certas formas de literatura, como os relatórios administrativos de Graciliano Ramos e a publicação de *A pintura em pânico*, de Jorge de Lima, dentro do cânone literário brasileiro.

Nas próximas linhas, iremos apresentar de qual modo o cânone literário brasileiro recebeu as obras dos autores alagoanos e, brevemente, discorreremos sobre os fatores estéticos, históricos e culturais que, possivelmente, vieram a interferir no julgamento de valor dessas produções.

Ramos e Lima: do culto ao desprezo

Graciliano Ramos é um dos nomes mais importantes dentro do cenário literário brasileiro e suas obras, como aponta Sant'ana (1992), são consideradas um marco do realismo social. Sua escrita é caracterizada por uma linguagem que transcende a mera representação da vida sertaneja, oferecendo uma imersão introspectiva nos enredos que ambientam suas histórias.

Além de suas obras de ficção, Ramos produziu relatórios administrativos durante o período que foi Prefeito de Palmeira dos Índios, cidade localizada no Sertão do Estado de Alagoas. Esses relatórios, enviados ao então Governador do Estado de Alagoas, Álvaro Paes, entre os anos de 1929 a 1930, são notáveis pelo mesmo estilo que viria a caracterizar toda a sua fortuna literária. Segundo aponta o pesquisador Wagner Siqueira:

Há quem diga que este relatório é indispensável aos anais da Administração Pública brasileira; outros, garantem que se trata de rara obra literária. Estão todos certos. Por aglutinar vida real e profissional, é um documento que cabe em um gabinete, uma biblioteca particular ou na mesa do escritório. (Siqueira, 2018, p. 9).

Para outros críticos, como Miranda (2013), esses relatórios marcam a transição de Graciliano Ramos à literatura e são produções importantes para se compreender a estética da criação literária do escritor alagoano. Porém, esses documentos ainda não são considerados pelo cânone literário brasileiro como parte da literatura produzida por Ramos, mas sim, como registros bibliográficos da vida do escritor.

A partir das nossas considerações, defendemos a hipótese de que essa é uma questão problemática, pois, apesar de Ramos ser elevado ao nível de escritor a partir de seus relatórios de gestão, esses documentos ainda não são considerados como parte da sua literatura, o que reflete, em nossa perspectiva, a uma limitação na configuração do cânone literário brasileiro, que exclui obras de significativo valor estético e literário apenas por não se enquadrarem em suas designações normativas, frequentemente moldadas por uma tradição colonial que, em parte, privilegia somente o ficcional.

No entanto, é preciso destacar que, embora não sejam textos estruturalmente ficcionais, os relatórios de Ramos se apropriam da linguagem de uma maneira muito inventiva, demonstrando uma abordagem experimental que merece reconhecimento. Por exemplo, ao descrever as condições de Palmeira dos Índios, Ramos ficcionaliza as descrições técnicas e eleva a estrutura do documento a um nível literário.

Para traduzir essa análise, segue, abaixo, dois recortes desses relatórios, com a mesma linguagem e estrutura da época:

CONCLUSÃO

Procurei sempre os caminhos mais curtos. Nas estradas que se abriram só ha curvas onde as rectas foram inteiramente impossiveis. Evitei emmaranhar-me em teias de aranha. Certos individuos, não sei porque, imaginam que devem ser consultados; outros se julgam com autoridade bastante para dizer aos contribuintes que não paguem impostos. Não me entendi com esses. Ha quem ache tudo ruim, e ria constrangidamente, e escreva cartas anonymas, e adoeça, e se morda por não ver a infallivel maroteirazinha, a abençoada canalhice, preciosa para quem a pratica, mais preciosa ainda para os que della se servem como assumpto invariavel; ha quem não comprehenda que um acto administrativo seja isento da idéa de lucro pessoal; ha até quem pretenda embaraçar-me em coisa tão simples como mandar quebrar as pedras dos caminhos. Fechei os ouvidos, deixei gritarem, arrecadei 1:325:500 de multas. Não favoreci ninguém. Devo ter commetido numerosos disparates. Todos os meus erros, porem, foram erros da intelligencia, que é fraca. Perdi varios amigos, ou individuos que possam ter semelhante nome. Não me fizeram falta. Ha descontentamento. Se a minha estada na Prefeitura por estes dois annos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos. Paz e prosperidade. (Alagoas, 1929).

POBRE POVO SOFFREDOR

É uma interessante classe de contribuintes, modica em numero, mas bastante forte. Pertencem a ella negociantes, proprietarios, industriaes, agiotas que esfolam o proximo com juros de judeu. Bem comido, bem bebido, o pobre povo soffredor quer escolas, quer luz, quer estradas, quer hygiene. É exigente e resmungão. Como ninguem ignora que se não obtêm de graça as coisas exigidas, cada um dos membros desta respeitavel classe acha que os impostos devem ser pagos pelos outros (Alagoas, 1930).

Ao ler esses fragmentos, a impressão que permanece é a de que estamos diante da leitura de um texto em prosa, onde somos apresentados à rotina de Ramos e aos dilemas que atravessam o seu ofício enquanto Prefeito. Sob o princípio desta linha de argumentação, notamos que esses textos pouco se assemelham à estrutura de um documento oficial, burocrático. Ao contrário, se revelam, em nossa compreensão, a um ensaio literário protagonizado por um escritor em desenvolvimento. Então, de qual modo podemos entender e definir esses documentos?

Em nossa perspectiva, acreditamos que uma das possibilidades de compreender esse fenômeno esteja nos estudos de Antonio Candido. Em *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos* (2023), o autor propõe que a literatura deve ser compreendida dentro de uma dinâmica que contemple a realidade sócio-histórica de cada produção. Sob a luz deste princípio, entendemos que Candido (2023) busca explicar que as obras literárias não podem ser entendidas isoladamente, mas sim, como parte de um sistema literário mais amplo, do qual ele divide em *Literatura* e *Literatura Literária*.

A *Literatura*, a partir das considerações trazidas pelo texto, pode incluir a presença de produções como Cartas e Diários. Já a *Literatura Literária* se refere, especificamente, às produções inseridas nos formatos mais tradicionais, como o Conto, a Poesia, o Romance, a Crônica, etc.

Ao aplicar esses conceitos dentro das nossas discussões, podemos inserir os relatórios escritos por Ramos como parte dessa *Literatura* definida por Candido (2023), pois esses documentos, como apontamos anteriormente, contêm elementos que se aproximam da estética literária, embora não se enquadrem nos gêneros tradicionais. Portanto, tratam-se de produções literárias que, apesar de não serem classificadas como *Literatura Literária*, orbitam esse grande sistema construído por Candido (2023).

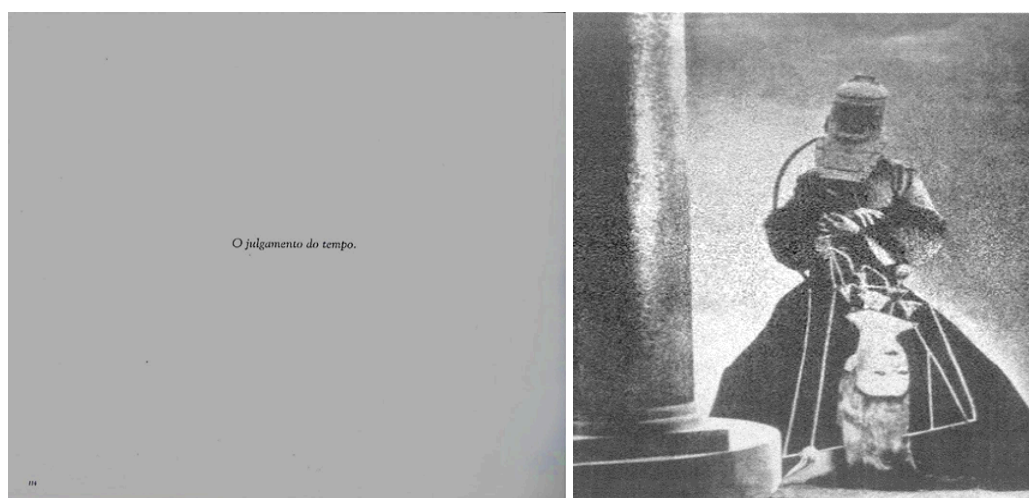
Já no que diz respeito à representação de Jorge de Lima dentro do cânone literário brasileiro, temos uma relação que oscilou entre o culto e o desprezo. Em sua

trajetória, o alagoano se mostrou versátil e atento a quase todas as formas de se fazer arte, o que, talvez, justifique a demora do cânone em reconhecê-lo como um grande escritor.

Inquieto, Lima transitou pelos campos da escrita e das artes visuais. Como escritor, deixou produções nos gêneros da Poesia e do Romance, como o poema épico *A Invenção de Orfeu* (1953) e o romance *Calunga* (1935). Já como artista plástico, Lima se enveredou pela pintura cubista/dadaísta e pela colagem de vertente surrealista, presente em *A pintura em pânico* (1943).

A publicação dessa obra, em 1943, representou um afastamento das convenções literárias e artísticas tradicionais, pois o uso do surrealismo e a combinação de elementos visuais e textuais criaram uma obra que desafiava a estética dominante da época, que privilegiavam a clareza, a lógica e a realidade objetiva. Abaixo, segue uma das colagens que compõem o livro de Lima:

Fig. 1: O julgamento do tempo.



Fonte: Jorge de Lima (1943).

Para montar esse livro, Lima utilizou recortes de fotografias, desenhos e gravuras, combinados com textos que podem ser lidos como legendas ou versos, criando um diálogo entre o visual e o verbal que desafia a linearidade e a interpretação tradicional. Esse afastamento resultou em uma recepção inicialmente negativa, marcada por críticas severas que não compreendiam ou aceitavam essa experimentação.

Segundo Rodrigues (2010, p. 10): “a publicação dessas imagens causaram um misto de fascínio e escândalo junto ao público da época”. Junto a esse registro, Rodrigues (2010) destaca a crítica produzida por Tristão Ribas, no artigo *Fotomontagem de imoralidades*, publicado no jornal *A Notícia*, no Rio de Janeiro, em 23/06/1943.

No texto, Ribas define o livro de Lima como “divertimentos pictóricos em estilo de criança” e “exibição de maluquices”, além de dizer que o livro tem “simpatia pelo pornográfico” e que as colagens inspiram a “corrupção dos costumes e dos gostos” com suas “monstruosidades contra a beleza e contra a moral”.

Em nossa leitura, acreditamos que essa resistência ao trabalho experimental de Lima pode ser interpretada como uma manifestação que reflete as noções de valor do sistema que forma o cânone literário brasileiro, o qual, em parte, favorecia formas de expressão alinhadas aos padrões eurocêntricos e negligenciava outras produções que desafiavam suas normativas.

A partir desta hipótese, supomos que os relatórios de Graciliano Ramos também podem se enquadrar nesse parâmetro de análise que estamos estabelecendo. Logo, por mais que Ramos e Lima sejam, na atual conjuntura literária brasileira, reconhecidos como canônicos, uma parcela de suas produções continua sendo ignorada pelo mesmo sistema que os elevou à condição de escritores consagrados.

Conclusão

Durante o percurso deste trabalho, buscamos estabelecer um diálogo que se centrasse em problematizar a forma como o cânone literário brasileiro foi sendo modificado ao longo do tempo. Para promover essa reflexão, utilizamos, como exemplo, o caso da trajetória literária de Graciliano Ramos e Jorge de Lima, ambos escritores alagoanos, contemporâneos e que tiveram relações adversas com esse sistema.

Se, por um lado, Ramos é celebrado como um dos autores mais importantes da literatura brasileira, tendo sua fortuna literária sendo disseminada e estudada de modo constante, vemos, por outro lado, que uma parcela de sua produção é desconsiderada por parte do cânone literário brasileiro, mesmo Ramos ocupando uma posição fixa nesse lugar.

Seus relatórios de governo, usados neste trabalho como exemplo para as discussões que se firmaram até aqui, são um sintoma de que o cânone, por mais que exerça um papel importante na formação cultural de uma nação, tende, em partes, em desprivilegiar certas expressões que contêm um valor literário significativo.

Desta mesma forma, vimos que a publicação de *A pintura em pânico*, por Jorge de Lima, gerou um misto de revolta e incompreensão por parte do cânone literário brasileiro. Esse fato, problematizado durante esta pesquisa, reflete uma predileção desse cânone pelas formas clássicas. Por isso, ao desafiar essas estruturas e propor uma outra possibilidade de expressão artística que une poesia e imagem, a obra de Lima foi contra todo um sistema que, como apontado, foi forjado a partir dos valores impostos pela tradição ocidental.

Sendo assim, chegamos à conclusão de que o cânone, enquanto estrutura de poder cultural, tem um papel determinante no processo de permanência e exclusão de determinados autores e de suas respectivas produções literárias. O exemplo das obras de Graciliano Ramos e Jorge de Lima, utilizado neste trabalho, servem para refletir as nuances que atravessam a formação de valores desse cânone, que, ao longo do tempo, pode incorporar e, até mesmo marginalizar, certas experimentações artísticas.

Referências

ALAGOAS. Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios. *Relatório ao Governador do Estado de Alagoas*. 1929. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Relatorio_ao_Governador_do_Estado_de_Alagoas.

ALAGOAS. Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios. *Relatório ao Governador do Estado de Alagoas*. 1930. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/2.%C2%B0_Relatorio_ao_Sr._Governador_Alvaro_Paes.

BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Todavia, 2023.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LIMA, Jorge. *A pintura em pânico*. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2010.

MIRANDA, André. *Graciliano Ramos, o político: ordem na literatura e na administração*. 2013. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/graciliano-ramos-politico-ordem-na-literatura-na-administracao-501614.html>.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americana*. Organização: Mário J. Valdés; tradução Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: EDUFMG, 2000.

RODRIGUES, Simone. Jorge de Lima, Fotomontagista. *A pintura em pânico*. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2010.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Graciliano Ramos: vida e obra*. Maceió: Secretaria de Comunicação Social, 1992. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2016.

SIQUEIRA, Wagner. Prefácio. O relatório do prefeito Graciliano Ramos. *Conselho Federal de Administração*. Gráfica Executiva: 2018.

Recebido em: 15/01/2025

Aceito em: 30/05/2025